Foto: MARSILI

NUMERO 55 NOVEMBRO 1943

PREÇO AVULSO 1$00 ★ ASSINATURA AO ANO 12$00

SUMARIO

Obra das Mães pela Educação Nacional

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina—Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10—Lisboa

Foto: CUBELES

«O mundo sofre de não haver mãos postas, muitas mãos postas, em súplica para o alto...»

«O mundo sofre do homem ter perdido o jeito de se pôr de joelhos na casa de Deus...»

CRUZADA SANTA

De Filipe Augusto se conta que, quando regressava da Cruzada e fôsse assaltada por fortíssima tempestade a sua esquadra, em certo momento, o vencedor de Bouvines, reflectindo, pára, e junto ao govêrno do seu barco, grita:

— E' meia noite... A esta hora estão começando Matinas nos mosteiros de França. A oração dos monges aplacará o céu.»

O perigo passou. Na verdade, o Senhor tinha atendido à confiança do seu servo.

* * *

Valverde. Vai a batalha medonha. Já o quadrado foi rasgado e os soldados cedem...

Pois no meio do fragor, o Condestável abandona a espada e vai pôr-se de joelhos entre dois fraguedos — a rezar...

Acodem as gentes desanimadas que não é hora para oração aquela hora...

Sacodem-no — e êle, calmo, certo da vitória: — «esperai... ainda não...»

E quando foi o momento, depois de ter «conquistado» as bênçãos de Deus, investiu como um leão e Valverde foi de Portugal.

* * *

Ia Afonso de Albuquerque para a Índia. Alto mar.

E lá para o fundo de Africa, perto das Tormentas, os navios andam já nas cristas das vagas alterosas, ameaçadoras.

E o nosso forte cabo de guerra vai onde estava uma criança de leite, inocente, toma-a e ergue-a em hóstia, entre e Céu e a Terra:

— Senhor Deus, que não por nós, pecadores, mas por ela, sem culpa do pecado, por êste inocente, aplacai-vos na vossa justiça e sêde misericordioso.

Fez-se paz no mar — e as naus de Portugal chegaram a seu termo.

* * *

A tormenta deste movimento histórico, com as almas despedaçadas e o mundo em dor e em morte...

Ter-se-ão recordado os homens que o Céu precisa de ser «violentado» e que a única violência que força Deus é a oração sinceramente simples, ardorosamente fervorosa, suplicante, humilde e perseverante?

O mundo sofre de não haver mãos postas, muitas mãos postas, erguidas em súplica para o Alto...

O mundo sofre de o homem ter perdido o jeito de se pôr de joelhos e já não os ferir nos lagedos penitenciais da casa de Deus...

* * *

Ouve Mocidade:

«Dá-se no mundo místico o que se verifica no mundo físico: é das montanhas que descem as águas fertilizantes. As corais dos conventos são umas dessas montanhas altas.»

Quero eu dizer que precisas de subir até ao alto, bastas vezes — até ao Alto — porque te pertence a frescura das fôrças que melhor trepam — e, de lá de cima, derramar para a planície das almas desbastadas pelos estios de tanto materialismo o egoísmo, as águas de Deus.

Águas de Deus...

— Perdão de Deus — misericórdia de Deus...

— Bênçãos divinas que nos dêem paz e alegria.

Reclama para ti, Mocidade, a glória desta conquista... a flôr desta hora grande — porque hora de caridade universal.

Aprende a rezar — já que os teus pais e avós desaprenderam de o fazer...

Resgata os seus pecados — pecados de nossos avós — em mística arrancada, como quem sabe que é de Deus que tudo depende.

Se tu quiseres — ó Mocidade — ó raparigas de Portugal — podeis vir a ser o exército dos novos «violentos» (à maneira de Evangelho) que realizarão a conquista do Céu.

E porque não?

G. A.

As tuas companheiras

Foto: Dr. ANTÓNIO M. DE OLIVEIRA ALVES

NÃO vives sòzinha. Na Escola, no meio familiar e social, tens a teu lado outras raparigas, tens companheiras nesta jornada que é a vida.

Já pensaste que tens deveres para com elas? São talvez iguais a ti socialmente, e, portanto, não se trata de caridade. Não precisam das tuas esmolas nem dos teus serviços caritativos.

Mas tens deveres para com elas...

São tuas amigas? Ou mesmo simples companheiras?

Nunca digas mal delas; evita a crítica, a murmuração que diminui e prejudica.

Sê sincera e leal. Dizem que as mulheres sorriem e mordem, afagam e ferem. Não sejas assim! Sê verdadeiramente amiga das tuas amigas e sem hipocrisia para ninguém.

Não mintas, nem nas tuas palavras nem nos teus sentimentos.

A mentira conduz a caminhos tortuosos donde custa muito a sair e onde às vezes se expiam duramente os nossos desvios da verdade.

Sê boa. Não faças troça, não humilhes ninguém; não causes dano, seja pelas tuas palavras ou os teus actos. Não te sobrecarregues com a maldade, que é um fardo muito pesado, que a nós mesmos nos esmaga.

Evita as questões, as zangas, as inimizades que tiram a paz, a nós e aos outros. Não deixes acumular nuvens de tempestade no céu sereno da tua alma. Vive no azul!

Se vires defeitos nas tuas companheiras, não os compares com as tuas virtudes. Lembra-te que *tu* também tens defeitos, e essa tua companheira também tem as suas qualidades. E, assim, ficarás na humildade e na justiça.

Não te habitues a analizar o lado sombrio das almas e dos acontecimentos. Põe-te do lado do sol. Repara como é diferente! Deus, na sua misericórdia, olha-nos sempre assim...

És nova. Mas não esperes que a vida te ensine a ser indulgente... porque te ensinou a conhecer-te a ti mesma!

Sê indulgente por bondade.

E, também por bondade, procura espalhar alegria à tua roda.

Santa Teresinha prometeu espalhar rosas sôbre o mundo, num supremo dom de amor.

Imita o seu gesto de santa. Que haja sempre rosas no teu lar — as rosas do teu carinho e da tua bondade.

E nunca saias de casa sem levares um braçado de rosas para as desfolhares pelos caminhos onde tantos não encontram senão espinhos!

Sê amavel, condescendente, afectuosa; se te deres a ti mesma dando o teu coração, serás uma companheira ideal! E de cada companheira acabarás por fazer uma amiga!

Quando tôdas te quizerem bem, pelo bem que lhe fazes, serás feliz!

Maria Joana Mendes Leal

A SICÍLIA, BÊRÇO DE DEUSES

Um dos mais belos templos antigos da Sicilia (5 séculos antes de Cristo)

Vista geral de Palermo

SUCESSIVAMENTE, a guerra vai tornando tristemente célebres países e cidades. Ainda há pouco, foi a Sicilia que surgiu aos nossos olhos na realidade brutal das fotografias da invasão, que nos mostraram ruinas ainda fumegantes e campos revolvidos pelos «tanks» e a artilharia, portos donde submergem destroços de navios naufragados e estradas cobertas de corpos inanimados — a desolação, a dôr, e a morte nos seus aspectos mais trágicos.

Para descansar o espírito dessas visões da guerra, lembrei-me de vos falar hoje doutra Sicilia bem mais interessante, daquela Sicilia, país de sonho e de lenda, a quem alguém chamou «bêrço dos deuses».

Os poetas antigos cantaram a Sicilia como um dos mais belos lugares do mundo. E as suas lendas mitológicas deram-lhe um encanto misterioso que ainda hoje persiste.

Pela sua situação geográfica, a Sicilia, a grande ilha do Mediterrâneo, foi sempre cubiçada e o seu solo freqüentemente pisado pelos exércitos invasores.

Fenicios, sarracenos, cartaginezes, passaram pela Sicilia, deixando nela vestígios do seu domínio em monumentos e obras de arte que marcaram épocas históricas na sua existência atribulada.

Mais tarde, foram os normandos que conquistaram a Sicilia, tornando-a terra francesa, e, mais perto de nós, em 1860, Garibaldi desembarcou na Sicilia para a sua grande emprêsa da unificação da Itália.

As noticias das agências telegráficas, familiarizaram-nos com nomes célebres de algumas cidades da Sicilia, mas só nos disseram o número de toneladas de bombas que sôbre ela caíram ou o número de mortos que juncaram as suas ruas abandonadas.

Há coisas bem mais interessantes a saber dessas cidades!

Siracusa. *Talvez ignorem que a sua catedral foi erguida sôbre um antigo templo de Minerva. E que essa cidade, construída pelos gregos, foi outrora, tôda ela, um jardim magnífico de flores raras e que a vida, nos seus palácios, decorria entre festas contínuas.*

Foi em Siracusa que Proserpina, filha de Júpiter e de Ceres, reapareceu, depois de se ter sumido na terra, raptada por Plutão, o deus dos infernos.

Conta a lenda que Proserpina colhia um dia lírios e violetas na companhia das ninfas no vale do Etna, quando a terra se abriu para dar passagem a Plutão que num carro de fogo a arrebatou.

Ao sabê-lo, a mãe, desolada, desceu do Olimpo em procura da filha. Com um facho acêso na mão, para nem de noite parar, pois não lho consentia a sua ancledade, depois de ter percorrido quási todo o mundo, acabou por chegar à Sicilia, onde uma ninfa lhe revelou o destino da desaparecida.

Céres correu a queixar-se a Júpiter e êste ordenou a Plutão que lhe restituísse a filha, se esta ainda não tivesse tomado nenhum alimento no inferno. Infelizmente, Proserpina já tinha comido seis bagos de romã... Porisso, Proserpina teve de ficar vivendo 6 meses por ano no inferno e seis meses na Terra.

Esta lenda é uma alegoria do Trigo, meio ano escondido debaixo da terra, até que na primavera sai para a luz.

O museu de Siracusa contém colecções antigas de inapreciável valor. Utensílios de eras remotas, ânforas delicadas, e uma estátua de Venus maravilhosa, sem cabeça e sem um braço, mas cheia de beleza nas suas linhas puras.

No século V a Sicilia foi, na arte, rival da Grécia.

Catânia. *Outra cidade em que as noticias da guerra falaram mil vezes. Mas não nos disseram que na sua catedral se encontra o corpo de Santa Agata, cujo véu, uma vez, impediu que as lavas do Etna submergissem a cidade. Ao encontrarem-no no caminho, onde os seus habitantes, confiados, o tinham estendido, as lavas desviaram-se e foram lançar-se no mar, poupando a cidade.*

História verdadeira tão bela como as próprias lendas!

O Etna também tem a sua lenda.

No tempo em que havia gigantes, três dêsses gigantes revoltaram-se contra Júpiter, pretendendo apoderar-se da terra e dos céus.

Júpiter, ajudado por Minerva, fulminou-os. Um dêles, Encelade, foi abatido, mas não morreu. Para o impedir de se insurgir de novo contra êle, Júpiter pôs-lhe em cima do corpo o Monte Etna. Em vão o gigante procura sacudir êsse pêso que o mantém prisioneiro; os seus movimentos violentos para libertar-se são a causa dos tremores de terra e os seus gritos provocam as erupções.

Messina, recorda-nos outra lenda. Hércules, o deus forte e bemfazejo, que socorria os oprimidos, vencendo os tiranos e matando os monstros, chegou um dia à Sicilia, depois de ter atravessado a nado, com o seu rebanho, o estreito que separa esta da Itália.

Existia ali um Rei, déspota terrível, e Hércules propôs-lhe jogarem uma partida; se o Rei perdesse, perderia o seu reino; se ganhasse, ganharia o rebanho de Hércules, constituído por bois vermelhos, formidáveis, que tinham pertencido a Géryon.

Hércules ganhou, e, senhor do Reino, deu a liberdade aos seus habitantes, que, na fartura e na paz, passaram a viver felizes...

Muitas são ainda as lendas da Sicilia.

Mas, mais beleza do que as lendas, lhe dão as ruinas dos seus templos gregos; e mais belos ainda do que os seus monumentos antigos, são os seus campos cobertos de laranjais, de loureiros, de oliveiras e amendoeiras...

Campos que com a bênção de Deus hão-de reflorir!

Coccinelle

Notícias da M. P. F.

As mais pequeninas da Colónia aproveitam o tempo... brincando

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NO ALTO ALENTEJO

No meio das preocupações do exame, sabe bem vir até cá fora tomar um pouco de ar

Grupo das mais pequeninas da Colónia

Funcionou na Quinta de Santo António da Piedade, de 3 de Setembro a 2 de Outubro, com 45 filiadas, das seguintes regiões: Arraiolos, Borba, Estremós, Évora, Portalegre e Vila Viçosa.

Destas filiadas, fizeram 22 o Curso de Chefes de Quina, que funcionou na Colónia de 6 a 27 de Setembro com aulas diárias.

No dia 13, tôdas as filiadas, Instrutoras e Dirigentes da Colónia, foram em romagem ao Cruzeiro de S. Bento, o mais próximo da Quinta de Santo António. Cada filiada levou um ramo de flôres que depôs junto do Cruzeiro, fazendo uma breve alocução o Rv.mo Assistente Religioso da Colónia, e rezando-se o Têrço pela paz em todo o mundo.

No dia 19, foi a Colónia visitada por um grupo de filiadas de Arraiolos, que, acompanhadas da Ex.ma sub-Delegada Regional, ali passaram o dia em alegre confraternização com as suas companheiras.

Nas terças, quintas feiras e sábados, de tarde, saíam em passeio de estudo as filiadas mais velhas — as que freqüentavam o Curso —, tendo visitado os mais importantes monumentos da cidade e arredores.

As pequenitas também tinham de vez em quando os seus passeios, mas apenas com fins recreativos.

A 28 e 29 realizaram-se os exames do Curso, tendo ficado aprovadas tôdas as alunas.

No dia 21 de Outubro, organizou-se uma pequena festa de carácter íntimo, para encerramento da Colónia.

Nos dias em que não há aulas, as graduadas tomam parte alegremente nos divertimentos das pequenitas

«...o nosso grupo, para um Liceu de Província, é já consoladoramente numeroso»

FALA TRÁS-OS-MONTES

Foi num sábado de Maio, um daqueles dias formosos de primavera, que só os climas meridionais conhecem.

Tinha-se pensado em tirar, nesse dia, várias fotografias.

Ao chegar ao Centro, a nossa Directora anunciou-me que precisava de uns artigos para o nosso "Boletim„ e que eu seria a autora do primeiro. Transformada em escritora, eu que tinha, justamente, optado pelas Ciências!...

Mas nem isto me valeu. "Que me arranjasse como pudesse, que tinha de ser„. E tive de resolver-me.

Aí vai, então, um punhado de notícias sôbre o nosso Centro, que eu servi com devoção e deixo, em Junho, com saüdade.

Tem progredido o nosso Centro.

Perdido nestas serranias, para cá do Marão, talvez tu, minha querida Colega lisboeta ou algarvia, nunca tenhas ouvido falar de nós, das transmontanas. Pois olha. Nós seguimos com empenho os teus passeios, de que nos dás notícias no "Boletim„, e lançamos olhos cubiçosos (perdoa, não é por mal... (às tuas mochilas, tachos e mesinhas que nos mostras em fotografias. Por essas coisas lindas ansea-mos nós... e por ir, também, para a Arrábida e passar assim alguns dias em "plena Mocidade„... Mas temos de nos limitar, por emquanto. O nosso Centro está ainda a organizar-se, a "interessar-se„.

Mandamos-te a nossa fotografia. Verás que o nosso grupo, para um Liceu de província, é já consoladoramente numeroso. E mais verás que nós rimos e folgamos também, nos nossos campos de jogos, na nossa secção de ping-pong. E, quando o sol escaldante destas alturas nos proíbe de brincar ao ar livre, temos jogos de "repouso„ que a nossa Directora nos comprou e que interessam grandes e pequenas.

Passeios ou, moderníssimamente falando, campismo?

— Sim, também fizemos êste ano.

Duma vez, fomos passar todo dia fora. Mochilas, não tínhamos. E tachos muito menos. Pois olha que tudo se arranjou. Éramos 82. Mas lá nos tirámos de dificuldades, cozinhámos nós próprias, ao ar livre, o almôço e a merenda. E tôdas fizeram honras aos acepipes que o racionamento permitiu.

Para as graduadas, houve outro grande passeio. E lindo que êle foi. Êsse, porém, merece uma descrição pormenorizada. E, aqui para nós, parece-me que a nossa Directora já encarregou uma Colega, que prometeu (serei indiscreta?) dá-la pronta brevemente. Ela sabe dizer melhor do que eu, e aconselho-te a que esperes pelo próximo número do "Boletim". Até outra vez.

Maria Amélia Machado Rodrigues Martins
Comandante de Castelo, do Centro n.º 1 (Liceu de Castelo Branco) — Ala n.º 3, Divisão — Trás-os-Montes e Alto-Douro

«...o ping-pong é um dos nossos divertimentos preferidos»

«...rimos e folgamos nos nossos campos de jogos»

Foto: MENCZEL

Guida
RAPARIGA DE HOJE

O REGRESSO

GUIDA acordou triste nessa manhã sombria de Novembro. O seu quarto côr de rosa, que nas manhãs de sol resplandece de luz, estava duma côr neutra que a afligia; a chuva batia nas vidraças e escorria com lentidão, como lágrimas em face de alguém que sofre, e o ramo de flores que na véspera, batido de sol, a acolhera com alegria, parecia compartilhar da vaga tristeza que a confrangia.

Guida nunca sentira tristezas, a sua alma esfusiante de alegria, a sua vida de creança mimada, mas sèriamente educada, não a predispunham para a melancolia, êsse sombrio sentimento que aflige algumas crianças, de saúde débil e nervos destrambelhados.

Guida foi sempre saüdável e o ambiente familiar não se prestava a êsses devaneios; os pais, unidos por uma afeição séria e profunda, vivendo para os seus filhos, davam ao lar êsse aspecto sólido que torna as crianças felizes. As suas discussões infantis com João Manoel custaram-lhe lágrimas de mau génio, mas triste, nunca se sentira, e era para ela como que uma doença de alma essa vaga tristeza.

Saüdades das férias, que nêsse ano tinham tido para ela um encanto diferente, nessa linda quinta do Minho, e quem sabe? senão também uma ligeira mudança na sua maneira de sentir, um sentimento novo que na quinta a fazia estremecer ao ouvir a buzina de certo automóvel e que, nas vésperas dêsse dia de chuva, lhe dera um choque no coração, ao receber a visita de Luiz que viera fazer as suas despedidas, porque ia fazer a sua primeira viagem de guarda Marinha.

Desde êsse dia, Guida não era a mesma rapariga despreocupada e feliz. Essa manhã de chuva enervava-a, e pensava com saüdade nos passeios e nas partidas de «tennis» que lhe tinham tornado o seu verão tão deliciosamente alegre. Mas pouco habituada a devaneios e sonhas, levantou-se, evitando olhar para a janela que continuava a escorrer água, que o vento fazia tamborilar nas vidraças.

Quando acabava de se pentear, abriu-se a porta do quarto com estrondo e entrou Maria Adelaide, aos pulos, com o Tareco nos braços, esforçando-se por fugir, e um postal numa das mãos.

A pequenita já vinha vestida para ir para o colégio, que começara a freqüentar com ares de grande importância.

— Guida, venho pedir-te que tomes conta do Tareco, emquanto eu estou no colégio, e não o deixes ir para os telhados, trago-te também êste postal, que a mãi te manda, veio no correio de hoje.

— Está descansada Laidinha, o Tareco já não é o vadio que era na quinta; deixa ver o postal.

E depois de beijar a pequenina, olhou para o postal e, còrando imensamente, sentiu o coração bater desordenado.

Uma linda vista do Funchal e dirigido para a família Albuquerque, dizia:

«Encantado com esta maravilhosa paisagem cumprimento os meus amigos e asseguro-lhes que não esqueço um momento a sua boa amizade»

Luiz.

Guida sentiu como que um deslumbramento e a chuva que caia na janela já não lhe pareceu triste.

De repente pensou: «E' então isto que me entristecia»?

Nesse momento a mãi chamou-a: Luz e Joaninha tinham chegado.

As duas pequenas tinham entrado para a Faculdade de Ciências onde continuam brilhantemente os seus estudos, e a-pesar-de Guida já não ser a companheira de todos os dias, porque D. Elena e o Senhor Albuquerque tinham resolvido que terminado o Liceu ela estudasse línguas com professoras em casa, vêem-se muito, visitam juntas os pobres da paróquia, protegidos pela Mocidade e como as famílias de Luz e Guida criaram laços de amisade; muito se encontram e reünem.

As duas pequenas entraram alegres e satisfeitas, muito galantes com os seus impermeáveis e capuz para a chuva.

— Olha, Guida, vimos dizer-te que hoje não temos aulas à tarde e as tias mandam dizer à tua mãi se quer encontrar-se com elas na exposição de crisantemos que se inaugura hoje, disse Luz depois de se teram beijado.

— Que boa ideia vocês tiveram, mas o pior é a chuva.

— Logo já está bom, disse Joaninha, e como eu vou estudar com a Luz e almoço hoje em casa dela, também vou.

— Que boa tarde vamos passar, se a mãi estiver de acôrdo, vamos saber o que diz.

E as três raparigas foram saber a decisão de

D. Elena, sem a qual Guida não poderia dispor da sua tarde.

D. Elena concordou com esta ideia e como a chuva abrandara e um pálido raio de sol iluminava as vidraças ficou combinado encontrarem-se tôdas às 3 1/2 da tarde à porta da exposição.

As duas meninas despediram-se apressadas porque tinham muito que estudar e Guida preparou a sua lição de inglês, que daria ainda antes do almôço.

A sua alma estava alegre, já não sentia a opressão da manhã, o pálido raio de sol e... talvez também o postal recebido, dissipara a bruma que a envolvia.

Á tarde encontraram-se na exposição. As senhoras observavam atentamente as lindas flôres, dispostas como em canteiros e duma beleza extraordinária; as três pequenas, muito graciosas nos seus casacos de inverno, conversavam alegremente e viam as pessoas que entravam e saiam.

Quando conversavam, veio por trás delas Alda e abraçou-as.

Muito pintada e com uma «toilette» que dava nas vistas, era acompanhada pelo irmão e por um sujeito forte e já nada novo, que se desfazia em cumprimentos e sorrisos.

— Ainda bem que as encontro, disse ela depois de cumprimentar as senhoras, porque tenho uma grande novidade a dar-lhes. Vou casar e apresento-lhes já o o meu noivo.

— Augusto, venha cá, que o quero apresentar às minhas amigas.

As pequenas, espantadas, não sabiam o que dizer e valeu o hábito de sociedade das senhoras que felicitaram os noivos, e Chico que com um ar comprometido agradecia os cumprimentos, que eram dirigidos à irmã.

Alda enfiou o braço nas amigas e deixou o noivo conversando com as senhoras sôbre as flores que estavam expostas. Chico disse a Joaninha:

— Vocês estão admiradas da escolha da Alda e eu também, nunca pensei que ela tão moderna se espetasse em «arame farpado».

— Não sejas tolo, Chico, respondeu Alda, elas já vão compreender; eu tinha um «béguin» por um rapaz que me fazia a côrte, mas êle não tinha dinheiro e era muito ciumento, o Augusto é riquíssimo, tem um lugar de destaque como banqueiro, e só faz o que eu quero, é o que me convém.

— Oh Alda e serás feliz? preguntou-lhe Guida.

— Claro que vou ser felicíssima, eu sou uma rapariga moderna e caso-me para poder gastar, divertir-me e fazer o que me apetece.

— Parece-me que o casamento não é bem isso; quando se casa é para fundar um lar, criar família e não para divertimento.

Chico entusiasmado declarou:

— Eu tenho vivido num meio de ideias muito diferentes, mas concordo absolutamente com o que você diz.

Alda, despeitada, respondeu:

— Tolices, ideias de outros tempos, a vida é só uma e eu quero gozá-la.

Joaninha, muito séria, retorquiu:

— Isso são modernices perigosas, o casamento deve ser uma vocação e tem um fim muito diferente. Eu não sei se terei vocação para casar, mas não o faria nunca com um homem de quem não gostasse e não compartilhasse os meus sentimentos e as minhas ideias.

— Vocês são umas fantasistas, a vida é o que é e temos de a viver.

Nesta altura, as senhoras chamaram as pequenas e despediram-se.

D. Luísa disse para D. Elena:

— Tenho pena dêste homem, quer fingir de rapaz e vai ser um boneco nas mãos dessa rapariga.

— Se não mudar depois de casado e não se tornar um tirano, disse D. Elena.

As pequenas discutiam entre si animadamente e concordavam que não era êsse o seu ideal para o casamento.

Guida, ao chegar a casa, foi ao seu quarto e releu o postal, numa esperança de outro futuro.

E antes de jantar, na pequena sala de estar, emquanto Maria Adelaide vestia a boneca e ralhava com o Tareco que brincava com as minúsculas roupitas, mãi e filha conversaram sôbre o assunto do dia.

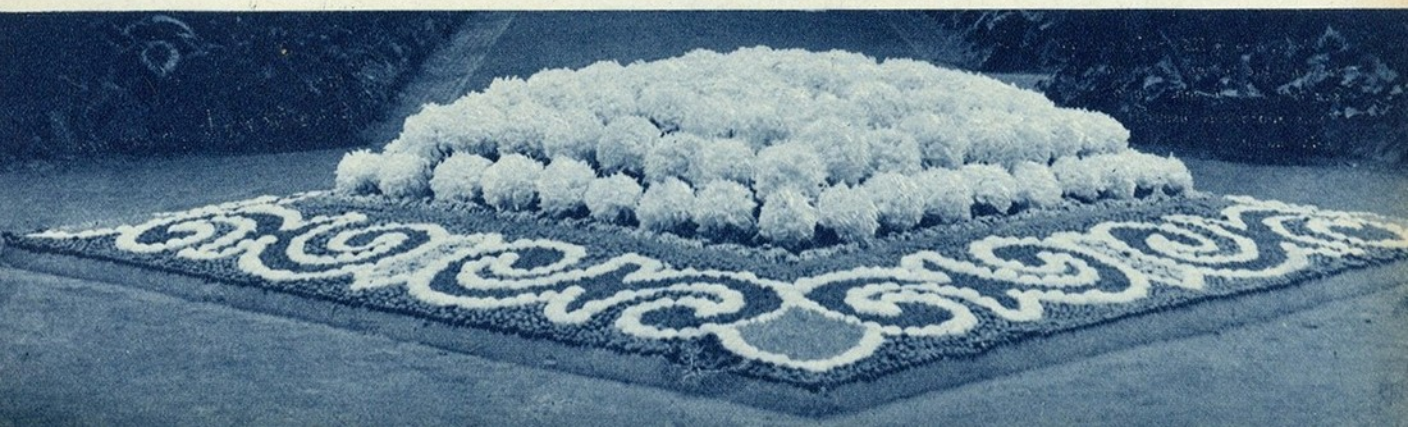
— A mãi aprova aquele casamento?

— Olha, filha, não posso concordar com êle, mas às vezes quem sabe se serão felizes! O que acho horrível, não é a diferença de idade, é a opinião que a Alda tem pela maneira de viver no casamento e dizer que escolheu o noivo por ter dinheiro!

— A mãi não gostava que eu casasse assim, pois não?

— Não filha, não gostava, quando tiveres idade de casar e se para isso tiveres vocação, peço a Deus que te dê um marido que tenha o suficiente para viverem e que encare a sério o sacramento do matrimónio, fazendo do seu lar o seu mundo.

Guida calou-se pensando em alguém que a essa hora estaria entre o mar e o céu.

Maria d'Eça

A CAMINHO DE FATIMA

1 — A Fröken, peregrina de Fátima
2 — Pelas estradas, o infindável desfile dos peregrinos.
3 — Em ranchos, o povo humilde e crente, vem de longe a Fátima.
4 — Almôço no pinhal.
5 — Matando a sêde numa fonte do caminho.
6 — A procissão do «Adeus».

FOMOS 14 do Curso de Instrutoras as que partimos para Fátima no dia 12 de Maio. Estava projectado aproveitarmos sòmente como meio de transporte o combóio até Chão de Maçãs. Depois iriamos em peregrinação, em penitência até à Cova da Iria. Assim foi, com a diferença de que aconselhadas por algumas raparigas da Juventude, que levavam o mesmo projecto, resolvemos ficar em Leiria, pois diziam ser menos 2 k.m Muito povo, gente rude que connosco foi a pé para a Cova da Iria. Velhos, mulheres, crianças até, iam como nós cheios de entusiasmo, cheios de coragem para percorrermos os 23 k.m que nos separavam da terra que seria testemunha de novas afirmações de fé.

A Fröken foi connosco. Foi a nossa companheira, a nossa irmã mais velha, que nos animava quando as subidas eram maiores, que, se alguma ficava para trás, vinha fraternalmente dar-nos um empurrãozito, ajudando-nos a avançar um pouco mais, que parava junto das fontes para bebermos da água límpida que se dava a todos os peregrinos que por elas passavam. A sêde do corpo, essa, matávamo-la sempre que uma fonte amiga ficava à beira da estrada. A sêde que nos abrazava a alma, a sêde de rogar, de implorar aos pés da Virgem por todos que não puderam ir e sôbretudo por uma grande intenção que tôdas levávamos e mais nos unia, a sêde de amor, essa, não se saciaria ainda — a Cova da Iria estava longe!

Sacola ao ombro, quais peregrinos que a-pesar-de tudo caminham sempre, nas mãos o terço rezado por tôdas e muitas vezes juntando-se às nossas vozes claras, vozes de mocidade, as vozes de gente rude, vozes que sabem orar tão bem! Foi ao anoitecer que chegámos à Cova da Iria. Quási não se podia romper, tanto era o povo. Povo que cantava, que rezava numa união de vozes e de almas; muitas velas de todos os tamanhos, tôda a noite acêsas em cumprimento de promessas, ambiente a que se não pode ficar indiferente, que queima, que nos faz vibrar, numa ansia de vida dilatada, afirmação plena de amor à Mãe de Deus. Começa a procissão da noite. Quem já foi a Fátima não esquecerá jamais o que então viu, o que então viveu. Os que nunca lá foram não sabem o que merecia dar-se, o que devia sacrificar-se só para lì estar um momento, um momento que seria suficiente para aquecer os corações que não sabem sentir! Não sei descrever, é tudo banal o que se disser, é tudo insuficiente, sou incapaz de dizer o que se vive em Fátima.

Pela madrugada adiante, quando se pensa em descansar um pouco, de qualquer forma se dorme. Uma pedra pode até servir de cabeceira e quantos não a aproveitaram! O chão nem se dá conta de que é terra ou tábua! Os peregrinos nêsses dias são capazes de tudo. Nada se teme. A Virgem não abandona os seus filhos. Ela vela e a cada um o Senhor abênçoa e assim êles confiam.

Não esqueceremos a bondade das Irmãs dominicanas, que nos deram um teto para nos abrigar e lugar para dormir. Um vão duma escada e a sacristia foi mais do que suficiente para descansarmos. Pouco se dormiu. Era difícil dormir-se depois de tudo a que tínhamos assistido. Ainda era noite (5,30) já estávamos a pé. Arrumou-se o que tinha sido os nossos quartos, rápida toilette e fomos à comunhão. O Senhor ia dar-se àqueles que se tinham preparado para receber. Muitos foram os que de joelhos, mãos erguidas em prece, receberam o Senhor.

O pequeno almôço tomámo-lo na Pousada do Secretariado da S. P. N., e até à missa dos doentes foi a ocasião de conhecermos o lugarejo, a terra pobre que a Virgem escolheu para falar aos humildes. Lembranças para a família, para as amigas, compraram-se nessa ocasião. Assim andámos visitando aquêle lugar santo até que nos reünimos novamente, junto às camionetas das Noélistas. A Fröken já lá estava. Nêsse momento tirava uma fotografia a uns cavalinhos que comiam socegadamente numa improvizada manjedoura. Disse-nos que queria poder mostrar que de tôdas as maneiras se vai a Fátima!

Ia organizar-se a procissão que antecede a missa dos doentes; êstes já lá estavam nas suas cadeiras, resguardados do sol escaldante, esperando resignadamente que o Senhor fizesse a graça de os curar.

Fomos tôdas na procissão. Na missa ficámos mesmo ao pé dos doentes. A Fröken com o seu ar simples, lenço atado à cabeça, kodak a postos, lá foi subindo as escadarias que a levavam para perto do altar. Dali ela viu bem o impressionante espectáculo, a comoção que de todos se apodera...

E agora a Senhora ia voltar para a humilde capelinha, onde os fiéis, de joelhos por terra, se despediam, rogando sempre, numa fé ardente.

Na vinda, como na volta, gente humilde olhava-nos com simpatia e murmurava: «Parecem estrangeiras; coitadas, com aquêle pêso às costas!» Mas ao ouvirem-nos rezar ou cantar, advinhavam fàcilmente que éramos portuguesas e que também éramos capazes de grandes caminhadas. A uma mulherzinha do povo que nos preguntou donde éramos, respondemos com alegria: «De Lisboa e somos da Mocidade!» Já eram poucos os que ainda andavam pela Cova da Iria. Tudo tinha terminado, cada um ia regressando às suas terras. Por volta das 8 horas fizemos as nossas despedidas às Irmãs que tão bondosas tinham sido, e ao respondermos à pregunta da Madre Superiora, dissemos cheias de alegria: «Somos Instrutoras da Mocidade que viemos em penitência!»

A Fröken organizou assim a partida: buscar água à fonte, beber a que quizessemos, visitar a Capela do Hospital e rezar o Terço a Nossa Senhora, junto à Capelinha das aparições. O programa cumpriu-se.

Que pena termos de partir! Perto de nós, arrastando-se já, passava alguém que cumpria uma promessa...

Mochila às costas, prontas para o regresso, pusemo-nos a caminho. Agora, voltávamos por Chão de Maçãs, Mais longe é certo, mas melhor caminho...

Para cá, as fontes já não se encontravam com facilidade. Traziamos água nas nossas bilhas de barro, mas nada bebiamos. Era água de Fátima!

Só depois de muitos k.mos andados encontrámos uma fonte amiga. Aí descansámos e perto dela jantou-se. Apetecia-nos ter ficado aí algumas horas. Estava uma tarde lindíssima e sabia bem dormir... mas a Fröken já estava de pé para nos pôrmos de novo ao caminho. Foi o regresso que mais nos custou. Queríamos ter ficado lá e afinal cada vez nos afastávamos mais e mais daquêle lugar santo.

Ia anoitecendo, e nêsse findar de dia, sereno e lindo que convidava ao recolhimento, que nos fazia entrar até ao íntimo de nós mesmas para nos aproximarmos mais de Deus, caminhando, rezava-se agora um silêncio. Baixinho, como num murmúrio, agradecíamos ao Senhor o termos vivido êstes dias. A 10 k.mos de Chão de Maçãs, houve descanso de 3/4 de hora. Estendemos as nossas mantas no pinhal e deitámo-nos aí, recuperando fôrças para a arrancada final. Foram êstes últimos quilómetros os mais difíceis de vencer. Agora já se ouvia preguntar amiüdadas vezes: «Fröken quando tornamos a descansar?» E a Fröken, a nossa querida companheira sempre pronta a ajudar, animava-nos com um sorriso e com um: «Coragem menina, ser penitência.» Quando só faltava 1 k.m fêz-se nova paragem. E êste venceu-se fàcilmente. Até à hora do combóio dormiu-se, enquanto a Fröken velava. Tornámos a dormir no combóio e quando, já perto de Lisboa, despertámos, estávamos frescas e prontas para trabalhar. Tínhamos prometido à Senhora Comissária Nacional ir às aulas e fomos! Um mudar de roupas ràpidamente, tomar o pequeno almôço e eis-nos a caminho do Liceu. A Fröken já lá estava, nem foi a casa, a dar ginástica às que não puderam ir a Fátima. Nós assistimos, e bem espertas já. Ainda bem que a aula foi de ginástica; se tivesse sido teoria, não sei se assim teria acontecido... se nós quisésemos o sono viria depressa...

Vínhamos com óptima aparência. Rostos queimados, olhar límpido, alegre, onde transparecia a côr da nossa alma. De Fátima trouxemos mais dilatada, mais cheia de amor a nossa alma. Ansia de servir, de alargar o reino de Deus. O nosso campo é vasto. Muito poderemos fazer. Cuidando do corpo, educando, apostolizando, nós dar-nos-emos até ao sacrifício. A M. P. F. conta connosco! Nós não faltaremos!

Maria José Sampedro

4

3

5

6

O LAR

AS NOSSAS CASAS NO CAMPO

CHEGÁMOS ao fim das férias e para quási tôdas nós, ao fim da nossa estada no campo. Fez-nos imensa pena voltar no princípio de Outubro, justamente quando, depois das chuvas e de algumas sementeiras, a terra se começa a cobrir de uma penugem verde, tão consoladora para a vista depois do esbrazeamento do verão. Quando a luz já toma umas tonalidades tristes mas lindas e que os rebanhos de ovelhas começam a andar devagar pelos caminhos na espectativa constante dos borreguinhos. E se nós ficassemos mais um tempo para os vêr saltar pelos montes, para presenciar a colheita da azeitona e ver as mós dos lagares esmagá-las lentamente? Sim... se ficássemos?

Mas para isso precisamos de uma casa nossa e não de empréstimo ou de aluguer; modesta mas confortável e onde nos sentimos aconchegados. Poderemos escolher uma das casas do nosso concurso!! Já vieram as respostas e aqui lhes damos os desenhos do 1.º prémio.

Não me digam que não são tentadores no seu género rústico-verdadeiro e não no falso rústico em que é facil cair. Mas confesso que me sinto um tanto espantada, pois que de todos os planos propostos tivemos que dar o 1.º prémio a um rapaz da Mocidade!

Parece-nos que as raparigas deram largas à imaginação e saíram um pouco das realidades e da ideia do concurso. Os homens são mais positivos e simples nas suas concepções...

Mas não nos desconsolemos, a nossa missão principal sempre foi arranjar o lar «por dentro» e enchê-lo com o calor do nosso amor, como nos diz em verso e tão engraçadamente a nossa concorrente Ana Maria Lopes de Sousa Vieira, filiada 12.460.

. . . .

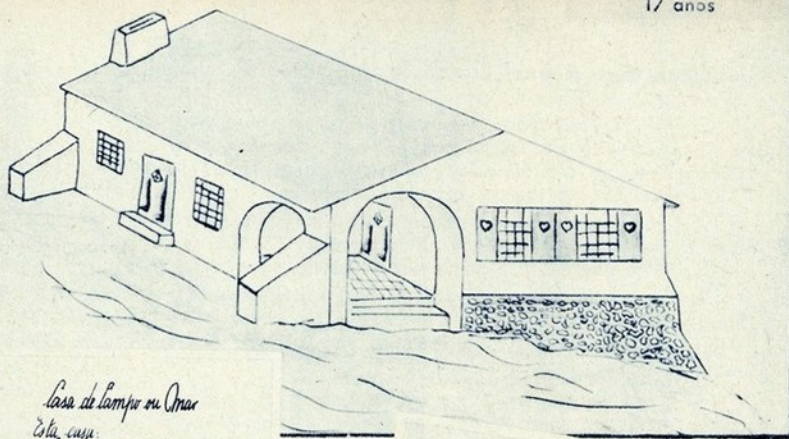
Haja de rosas o muro cercado
A levar a todos o seu odor,
Que as eras subam ao telhado
Como testemunho do nosso amor.

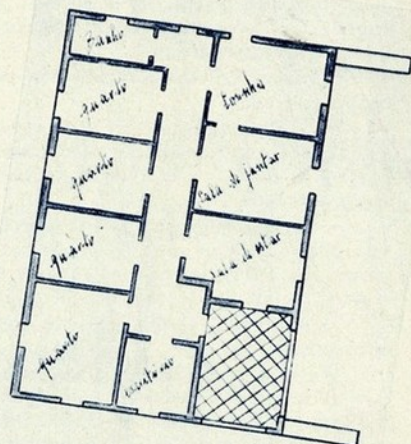
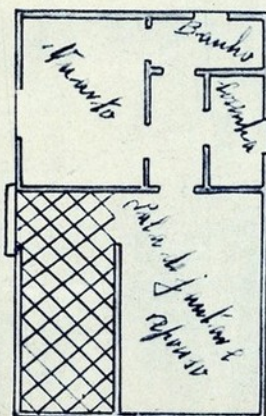
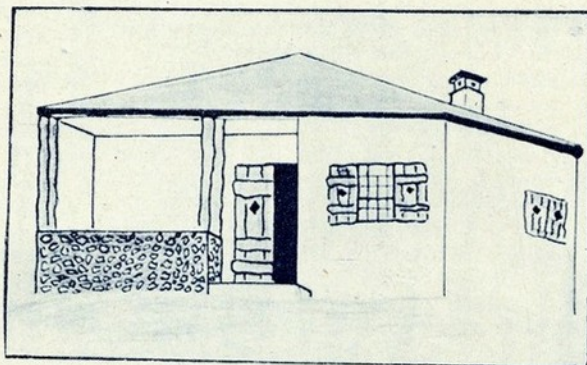
. . . .

Mas, queria-lhes pedir que não desistissem, que fossem pensando sempre no seu lar, que fôssem lendo e estudando livros sôbre êste assunto e que ficassem assim ao par do que se faz no estrangeiro e no nosso país. — Sejamos progressivas, no bom sentido, e façamos da nossa casa não só «um ninho de amor» mas também uma construção equilibrada e duradoira, onde nos possamos acolher com segurança, não só das tempestades da vida, mas também das do tempo!

Francisca de Assis

Vasco Rosas da Silva
17 anos

Casa de Campo ou Mar

Esta casa:
Devido aos cómodos que possue é feita para se poder passar todo o ano ou uma parte.
Tanto serve para estar situada no campo como à beira mar.

Quando no campo:
Deve ser construída numa região montanhosa e colocada nalgum lugar elevado, donde se possa disfrutar belas paisagens.
Deve ser rodeada por um jardim, as arvores, e bastante arborizado dando-lhe assim, uma certa graça e beleza.

Quando no mar:
Deve estar colocada num lugar um pouco alto, virado para o mar, afastado a uma certa distância da praia.
Deve ser rodeada dum amplo e vasto jardim.

Casa para Campo

Esta casa:
Deve estar cercada por um denso e aprazível bosquezinho.
A entrada deve estar virada para um curso de água, onde se possam praticar desportos aquáticos.
Destina-se a um casal com poucos filhos, dormindo todos no quarto comum.
É construída para passar pouco tempo durante o ano.

Nossa Senhora e os Anjos trabalhando no enxoval para o Menino Jesus

TRABALHOS DE MÃOS

Aproxima-se o Natal. Em que altura vão os nossos trabalhos para os pobres?

Para os pobres?! Antes direi: para o Menino Jesus! "Tudo o que fizerdes aos pequeninos, a Mim o fareis".

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

DESENHOS DE GUIDA OTTOLINI

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

Hugo, estendido no chão a olhar para o céu, interveio:

— Agora as meninas permitam-me que meta a colherada na conversa, querem? — e olhava Lisette e Suzette alternadamente com seriedade cómica.

— Diga lá tudo o que você pensa — pediu Lisette.

— Antes de mais nada, uma pergunta: porque é que têm êsses nomes franceses? — e Hugo sentou-se.

— Eu sou Luiza e a mana é Suzana; mas quando viemos do Brasil a mamã é que quiz que mudássemos, por ser mais elegante.

— Não quero ofender a mamã, mas acho bem mais próprios os nomes portugueses — continuou Hugo, imperturbável. — Agora, outra pergunta: são católicas ou não?

— Hugo, que impertinência! — exclamou Helena.

— A mana é muito religiosa — respondeu Suzette, excitada. — Até fez uma promessa a uma santinha de madeira pintada!

— Suzette! — gritou a irmã, zangada.

— Mau, mau! — tornou Hugo — Eu pregunto só se são ou não católicas, apostólicas, romanas.

— Mas decerto! — respondeu Lisètte — Fizemos a primeira comunhão vestidas de sêda branca!

— Eu? Nada. Que idéia! — responde Helena sacudida

— De sêda! — espantou-se Maria da Luz.

— E os nossos véus eram tão grandes que parecíamos umas noivas! — disse Suzette, triunfante.

— O senhor Prior faz umas belas práticas tôdas as semanas — disse Francisca — e se quizerem segui-las é irem connôsco amanhã mesmo. E a nossa religião é tão cheia de interêsse! Quanto mais a conhemos mais prazer temos em praticá-la! Cada Domingo a sua Epístola, o seu Evangelho...

Lisete e Suzette olharam para ela admiradas.

Hugo continuou:

— Meninas, oiçam-me bem! Se são católicas, sabendo o que isso significa, não podem entrar para uma Associação religiosa só porque é chic!

— Então não é chic? — preguntou Suzette.

Hugo impacientou-se:

— Não se trata disso, Suzana! (já as previno que não as trato senão pelos nomes verdadeiros). Luisa, Suzana, devem tratar de aprender religião e de entrar para a Juventude Católica Feminina.

— Hugo, você está insuportável — decretou Joaquim.

Mas Lisette disse, sorrindo:

— Deixe-o, Joaquim, porque êle parece nosso amigo, a-pesar-de tudo.

Hugo pegou-lhe na mão e beijou-a de leve. Enquanto Suzette, despeitada pela preferência marcada, observava:

— O papá e a mamã não gostam de beatérios e isto de religiões é uma grande sujeição. Viva a Liberdade!

— Oh!... — gritaram, indignados, os Almeidas.

— Sim senhor, repito o que já disse — tornou Suzette — Eu na missa dá-me um sono... nunca entendi aquela trapalhada tôda. — E Suzette bocejou ostensivamente.

— Não admira — disse Helena — pois tu em lugar de seguires a missa pelo livro, com compreensão, só rezas o têrço...

— Luiza — continuou Hugo — quer aprender a seguir a missa comigo? — e Hugo sorria.

Lisette, respondeu, quási grave:

— Quero, Hugo, mas olhe que é a sério!

— Toleimas! — exclamou Suzette, troçando. — As maçadas estão proibidas...

Mas não foram toleimas, afinal; e, com um interêsse que dia a dia ia crescendo, Lisette foi aprendendo com Hugo a significação admirável do Santo Sacrifício, a beleza das Epístolas variadas, a sublimidade dos Evangelhos adequados a cada Domingo.

— Vê lá, Hugo, o que estás fazendo — observou Pedro, um dia. — Olha que a rapariga está a gostar de ti à valentona, e, coitada, não me parece má rapariga.

Hugo respondeu:

— Por ora não gosto dela a valer; lembro-me da garota engraçada que eu namoro em Leiria e que anda no sexto ano...

— Então deixa-te de lições à Lisette — tornou Pedro — não deves fazer a côrte a esta e pensares na outra.

— Mas isto não é côrte nenhuma! Estas patêtinhas não sabem nada de religião. Não é o meu dever ensiná-las?

E as lições foram continuando.

VII

A casa da Tôrre enchera-se de hóspedes; chegara o dia da grande festa, reinando uma indescritível azáfama por tôda a aldeia. Operadores de cinema invadiam o parque; cozinheiros com os seus ajudantes, raparigas da aldeia transformadas em criadas modernas, tudo se mexia, tudo corria em desordenada agitação. E como a dona da casa não tinha método, nem orientação alguma para dirigir, limitára-se a ficar nas salas com as filhas para entreter os hóspedes variados; enquanto o senhor Santos jogava com os homens sucessivas partidas de bilhar.

O russo Boris, homem de alta estatura, loiro e lindo como um Lohengrin, conversava com as duas meninas Santos no vão duma janela.

— São bonitas essas raparigas tôdas da aristocracia da terra, Suzy? — preguntou êle, acendendo um cigarro e com um semi-cerrar de olhos muito característico.

— A Lena é linda — declarou Lisette com fôrça.

— Linda, é exagêro — cortou Suzette — tem uns olhos vêrdes que não são feios; mas uma bôca enorme, um nariz arrebitado e uns cabelos castanhos vulgares.

— Vulgares? ! — indignou-se a irmã.

— Vulgaríssimos, sem reflexos de cobre, sem nada de platinado, nem de moderno. Além disso, não se pinta e as unhas são só pulidas com o pulidor...

Boris sorria em silêncio.

— Bonita a valer é a Zé — tornou Suzette — e se ela se modernisasse e copiasse as stars ficava linda. É interessante a Carolina de Brito; e dessas duas é que eu gosto. As outras são maçadoras e estão sempre a tratar dessa gentinha pobre que para aí vive, sabe Deus como.

Boris preguntou:

— E os homens?

Suzette informou:

— Tudo rapazolas, menos dois, o Pedro e o Nuno, ambos de ideias antiquadas.

Boris teve um relâmpago nos olhos azues.

— Ah! desejo conhecê-los.

— Aí vêm os Almeidas todos e os Britos — exclamou Lisette, correndo para a porta. E os automóveis, numa fila interminável, iam despejando os convidados ao portão do solar.

Quando soaram as cinco horas, já mais de cem pessoas enchiam os vastos salões da Tôrre; e, na verdade, o aspecto era bonito, com os vestidos claros das raparigas e as figuras respeitáveis de homens e senhoras, fidalgos dos arredores que tinham acedido ao convite da família Santos. Um «Jazz-band» de pretos tocava numa sala pequena ao lado do salão, e os pares dançavam animadamente as danças modernas de ritmos exóticos. Carolina e Boris, Lisette e Hugo, Helena e Nuno, Maria José e Joaquim, Pedro e Margarida, todos dançavam; e, num canto, Suzette e Francisca observavam os pares.

— Que animação! — disse Francisca, sorrindo.

— O Boris parece gostar da Carolina; pois ela a dançar é tal qual um fantoche! — disse Suzette, num tom agri-doce.

— Não acho nada — respondeu Francisca — é até bastante graciosa. — Mas os pares trocavam-se, agora, e Helena dançava um tango lento com Boris.

— Como dança bem — murmurou êle.

Helena, vagamente inquieta, deixava-se ir ao ritmo doentio daquela dança semi-selvagem... e nada respondeu.

— Que encanto tem êste seu país, feito

de poesia e de romantismo... — Helena quis desprender-se e declarou, alto:

— Eu não sou nada romântica; é um engano seu.

Mas o russo cingiu-a com fôrça e o tango continuou, como um veneno subtil, deixando Helena, de coração palpitante, nos braços de Boris. Quando, enfim, terminou, Helena, pálida e comovida, deixou-se cair numa cadeira ao pé da fresca Maria da Luz, que não dançava o tango.

Nuno aproximou-se, de sobrôlho franzido:

— Que tens, Lena? — preguntou.

— Eu? Nada. Que ideia! — respondeu Helena, sacudida.

Boris, sorrindo, observou:

— Dança como um anjo, a querida Lena!

— Conhece a minha prima há muito tempo? — preguntou Nuno, olhando-o nos olhos.

O russo abanou a cabeça negativamente e abrindo uma cigarreira de ouro sôbre a qual se via um brazão gravado, estendeu-a a Nuno, dizendo simplesmente:

— Tenho a impressão de a ter conhecido sempre e só hoje lhe fui apresentado! Estranho, não é? Coisas que se não explicam... Mistérios do coração.

Helena còrara profundamente; e declarou a Nuno, que reclamava um Fox-Trot:

— Olha, Nú, não danço agora mais, fico a conversar.

Mas uma trompa longínqua soou... E o pai Santos, oferecendo o braço a D. Francisca de Brito, abriu o cortejo para a mata. Suzette aproximou-se do russo:

— Boris, você vem comigo — declarou, autoritária.

Boris, porém, enfiava no seu o braço de Helena, sorriu e respondeu:

— Logo, Suzy; agora levo a doce Lena comigo!

Suzette mordeu os beiços pintados com tal fôrça que uma gota de sangue surgiu... Mas teve de dominar a sua fúria quando Pedro veiu oferecer-lhe o braço.

— Lena — disse Boris — pegando na mão trémula de Helena.

— Não me trate assim, peço-lhe; os manos não gostam.

— Nem o primo — respondeu o russo com um sorriso malicioso.

— O Nuno é quási um irmão para mim — disse Helena.

— Sabe que a adoro? — tornou Boris, olhando para ela.

Helena quis desprender-se pela segunda vez, na sensação vaga que andava mal... Respirou fundo e declarou:

— Eu não quero ouvir essas coisas, não estou costumada, vivemos com simplicidade aqui...

Boris tornou, com a sua voz dolente, de acento slavo:

— Não sabem o que é viver, coitadinhas... O amor, a alegria, o luxo, a grande vida, que conhecem disso tudo?

— Deixe-me, eu sou uma rapariga simples da aldeia, não gosto de complicações...

E Helena, com um puxão inesperado, desprendeu-se do braço do russo, respirou profundamente e, com lágrimas nos olhos, correu pela mata fóra como se a perseguissem...

Boris, de enigmático sorriso, deixou-a ir... Procurou depois Suzette que, perto da enorme mesa, oferecia bolos, sandwiches, perú, galantinas, bebidas várias.

— Suzy! — disse-lhe o russo — O meu amor pequeno está ainda zangado? Como fica bem a fúria nesses olhos negros!

Suzette riu-se e respondeu:

— Não quero partilhar baboseiras com a pateta da Lena, ouviu?

— O meu coração é largo! E gosto de estudar a alma portuguesa a fundo: os vários temperamentos de raparigas, tudo. Mas você, Suzy, é sempre a primeira para mim...

E, Boris, bebendo sucessivos cálices de vinho do Pôrto, sorria satisfeito. E de novo conseguira dançar com Helena.

— Como foi má em fugir daquela maneira — murmurou êle, apertando-a contra si — Porque me não responde? Não vê que eu estou doido por si? Que a adoro? Que a quero?

A sua voz fazia-se mais intensa e perturbava Helena duma maneira inexplicável para ela. O que seria aquilo que sentia? Amor? Receio? Não podia explicá-lo...

— Preciso de a vêr, de falar consigo — continuou o russo — amanhã vou visitar a sua mãe, os seus irmãos...

— Não, não... — murmurou Helena, sem quási saber o que dizia.

Mas eis que Hugo e Pedro, com as duas meninas da casa, se aproximavam, e, Boris, sorridente, declarou:

— Que bela combinação acabamos de fazer para amanhã; vamos todos dar aquele passeio de que você me falou, Suzy, lembra-se?

Suzette respondeu, radiante:

— A' Giesteira, vêr a obra das fábricas de gêsso!

— Em sendo uma e meia podemos estar em casa dêstes senhores, não? — tornou Boris. — Eu desejo vêr uma destas obras operárias portuguesas...

— Porquê? — cortou Nuno, abruptamente, avançando para o russo.

Boris, senhor de si, respondeu, negligentemente:

— Meu Deus, por curiosidade, simplesmente! e por ser de-certo um belo passeio!

Suzette e Lisette aplaudiram com entusiasmo:

— Amanhã lá estamos todos e vou já a correr dizer às outras!

— Agora vamos tomar chocolate para a casa de jantar.

E Susette, deixando o braço de Pedro, saiu da saleta.

(Continua)

CHÁ DA COSTURA

— Toca a trabalhar meninas, e cada uma vá contando as suas férias

Naquela tarde de Novembro, cinzenta e já um pouco fria, era a primeira reünião das raparigas depois das férias. Entraram em turbilhão na sala de Clara, alegres, cheias de animação, desejosas de falar umas com as outras.

— Hoje não se trabalha, Clara: é impossível! — declarou Joana, atirando-se para a melhor poltrona.

— Porquê?! — preguntou Clara, admirada.

— Ora, ora: porque há muito que contar! — tornou Joana.

— Ai que ricas férias eu tive! — exclamou Alice.

Clara, já com a grande tesoura na mão, declarou:

— Toca a trabalhar, meninas: e cada uma vá contando as suas férias.

Doceis, pelo prestígio que em tôdas exercia o bom senso de Clara, cada uma se instalou a trabalhar; e nem por isso as línguas ficaram inactivas...

Maria José observou, desconsolada:

— Nunca vi tanta ridicularia em raparigas como êste ano no Estoril, fiquem sabendo!

— Lá vens tu com a mania da decência — disse Joana, aborrecida.

— Indignada é que eu venho, Joana — tornou a outra — e tôda a gente *bem*, como se diz agora, deveria dar-me razão. Pois é porventura decente apresentarem-se as raparigas, a todo o momento, quási nuas, não sequer em pleno mar para comodidade de natação, mas estateladas na praia, ao pé de figurões na mesma semi-nudez...

— É a higiene do sol! — gritou Joana.

— Qual «higiene do sol» — retorquiu Maria José — é uma coisa revoltante para quem tem o juízo todo. Pintam-se com óleos nojentos para fingirem de mulatas; passam horas idiotas sem fazer nada, e ainda por cima algumas andam de medalhas religiosas ao pescoço, como cúmulo de incoerência!

— Eu acho-te razão, Zé — disse Clara.

— Também eu — observou Rita — E não chego a compreender a mentalidade de certas meninas: vão comungar de manhã cêdo, dizem-se devotas, e fazem essas cenas na praia!

— Incoerência, ridículo, estupidez — concluiu Maria José.

— Por outro lado — disse Alice — eu vi coisas bem interessantes nas minhas férias no campo: querem que conte?

— Conta, conta — disseram tôdas.

E Alice, emquanto as agulhas se agitavam ràpidamente no seu «tricot», começou a descrição alegre da sua estada na Quinta, com passeios pela serra, pic-nics divertidos, burricadas de gente nova, descantes em noites de luar! E, por fim, os belos dias na praia, nadando, remando, gosando o mais possível, duma maneira simples e sã!

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

FERNÃO DE MAGALHÃES

Que homem poderia, como Fernão de Magalhães, realizar um tão grande feito?

Se atentarmos nos grandes perigos que teve que enfrentar ficaremos estupefactos tais êles foram. O mar, o mar imenso e tantas vezes mau, a revolta na ilha de S. Julião, outra vez o mar, mas desta vez PACÍFICO e depois ilhas e mais ilhas e por fim, quando tinha realizado o feito que o imortalizou, morre obscuro, às mãos dum SILAPULAPU da ilha de MACTAN.

Morre, mas o seu feito fica na história para sempre.

O grande génio que foi Fernão de Magalhães não podia ser esquecido pelas gerações futuras; o seu feito era o maior dessa época gloriosa dos descobrimentos. Pena foi que tivesse sido arrastado pelo orgulho; pena foi que não tivesse levado a cabo tão fantástica obra, sob a bandeira da PÁTRIA que fôra o seu berço.

A aventura tentou-o; o orgulho venceu-o.

Venceu o amor pelo ideal sonhado, e a terra que o viu nascer foi renegada. Mas o homem que viveu para o seu sonho foi cruelmente batido pelo destino. Depois de ter sentido a alegria profunda do vencedor depressa reconheceu que nunca teria o êxito supremo.

E... ironia da sorte... nem o seu cadáver é restituído aos companheiros de trabalho. Ali fica na ilha onde morreu, o corpo do génio que venceu elementos e homens e forçou a tempestades.

Outros receberam a glória que não foi dada a êle. Outros colheram os louros da vitória.

O destino implacável não permitiu que êle os colocasse triunfantes sôbre a fronte.

Maria da Conceição Guedes da Costa
Filiada n.º 1.461 — 3.º ano

PORTUGAL

Eu creio em ti, ó Pátria! Creio no teu futuro, no teu orgulho, na tua independência e na tua liberdade. Creio no teu povo. Creio no heroísmo sublime dos que te cercam.

Pátria! Por ti, Afonso Henriques empunhou a espada, lutou com infiéis e sofreu o poder forte das armas de Lião.

Por ti, Fernando o Santo morreu no cativeiro.

Por ti, as caravelas se aventuraram na vastidão dos mares!

Por ti e para ti conquistaram os nossos capitães um Império no Oriente.

Por ti venceram e a ti deram o melhor do seu esfôrço.

Pátria! Eu creio em ti.

O Infante, o místico de Sagres, sonhou-te um futuro grandioso.

Homens partiram pulverizando as lendas tenebrosas, que envolviam os Oceanos. E sempre tu, de longe, a incitá-los, a levá-los, a ampará-los numa fé sublime...

Sempre tu no pensamento, no coração, fazendo-os heróis, bravos, invencíveis... Sempre tu na sua bôca!...

E êles lá foram. E na sua esteira ficava o teu nome como legenda de Deus, sêlo eterno duma glória sagrada...

Partiram... Velhos do Restêlo lançavam-lhes anátemas... Mas a Pátria falava mais alto,

— O mar! O mar! Gritavas-lhe tu.

As velas enfunavam e lenços punham nódoas brancas e irrequietas além no cais. E os barcos partiam.

Portugueses audazes iam mostrar ao Mundo que os mares eram abertos, que os Adamastores eram lendas — só lenda — e que, para além das Tormentas, havia sol, havia luz, havia o espaço claro dum outro Mundo.

Foram! Partiram! Coração na Pátria, mãos no leme e os olhos na distância...

...E voltaram para gritar ao Mundo que os portugueses, na ânsia sagrada de te engrandecer, traziam as chaves misteriosas de outros Mundos que ofereciam à Humanidade inteira.

E os séculos rolaram... As águias vitoriosas de Napoleão viram aqui o seu declínio...

Surge a Flandres... La Lys... 9 de Abril... E a raça revela-se no sacrifício dos nossos soldados, mordendo o pó com as armas na mão... É a África!... É a França!

É a raça altiva... És tu, ó Pátria, sempre tu, na bôca e no coração de cada homem.

Todos crêem em ti, quer esplendas no apogeu do reinado venturoso de D. Manuel, quer tombes aniqüilada sob as garras dos Filipes.

Sonhamos sempre, nas tuas decadências, com um «Desejado D. Sebastião», nobre e valoroso, que nos guie à vitória.

E, na ermida das nossas almas, os nossos sonhos ajoelham, em êxtase, pedindo uma nova Aljubarrota de fé e uma nova Tânger de amor e sacrifício.

Pátria! Pátria! Eu creio em ti! Num Portugal Livre, Eterno, Independente e Grande.

Creio em ti! E acredito, ó Pátria, que sob o teu céu claro, desde o Algarve ao Minho, há-de viver sempre nos nossos corações a certeza da Tua Independência e Liberdade, para que possamos com orgulho, com fé, com dignidade, com o sorriso forte dos venturosos, dizer aos estrangeiros:

«ESTA É A DITOSA PÁTRIA MINHA AMADA»

Natércia Esteves e Melo
Filiada n.º 1.684 — 3.º ano

MEDITANDO...

Como brilha o Sol com fulgor no Horizonte
E a pardalada canta alegre todo o dia!
Fazem susurro os pinheiros lá no monte
E tudo e todos manifestam alegria!...

As criancinhas, tais passaritos, chilreiam
Mas suas vozitas tão doces, de encantar!
Lembram airosas andorinhas que volteiam
E revolteiam, sem descanso, pelo ar!

Há alegria por aqui e por além!...
Não vejo lágrimas nos olhos de ninguém,
Embora haja sofrimento e haja dor...

E se todos a suportam com firmeza,
Sem mostrarem nem espalharem a tristeza,
É porque vivem sob a Bênção do Senhor.

Maria Melo Teixeira
Filiada n.º 29.598